

# **Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

Faculdade de Formação de Professores

Departamento de Educação

**Shirlei Pereira Coutinho**

**EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:**

**PERSPECTIVAS PARA O DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL NO  
MERCADO DE TRABALHO.**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Pedagogia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro como requisito parcial para obtenção do Grau de Licenciada em Pedagogia.

São Gonçalo

2012

Shirlei Pereira Coutinho

**EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:  
PERSPECTIVAS PARA O DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL NO  
MERCADO DE TRABALHO.**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Pedagogia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro como requisito parcial para obtenção do Grau de Licenciada em Pedagogia.

Aprovada em \_\_\_\_\_

---

Orientador: Prof. Dr. Reinério Luiz Moreira Simões. (DEDU/FFP/UERJ)

---

Parecerista: Prof. Dr. Jorge Antônio da Silva Rangel. (DEDU/FFP/UERJ)

São Gonçalo

2012

## CATALOGAÇÃO NA FONTE

UERJ/REDE SIRIUS/CEH/D

C871 Coutinho, Shirlei Pereira.

Educação de jovens e adultos: perspectivas para o desenvolvimento profissional no mercado de trabalho/ Shirlei Pereira Coutinho – 2012.

44f.

Orientador: Reinério Luiz Moreira Simões.

Monografia (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores.

1. Educação – Brasil. 2. Mercado de trabalho – Efeito da educação. I. Simões, Reinério Luiz Moreira. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores, Departamento de Educação. III. Título.

**CDU 37(81)**

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL E/OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

## **DEDICATÓRIA**

Dedico á minha mãe, pelo apoio, carinho e suporte dado ao longo da minha vida para que mais um sonho tenha sido realizado. Ao meu digníssimo marido pelo apoio e incentivo sempre presente para o término da faculdade de Pedagogia. E a minha irmã, por ser a minha primeira professora, mostrando assim as primeiras letras e símbolos para minha alfabetização.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, que nunca me abandonou mesmo nos momentos mais difíceis sendo meu amparo e refúgio, dando-me forças para seguir em frente.

Ao meu marido pelo apoio e dedicação, sempre acreditando no meu potencial e nunca me deixou desistir do sonho que hoje estou realizando.

À minha mãe, responsável por tudo o que sou hoje, não medindo esforços para que eu chegasse até onde estou. À minha família que incentivou na minha caminhada até a chegada final. Em especial à minha irmã sendo a minha primeira professora e tendo paciência para me alfabetizar. Este trabalho é a realização do nosso sonho.

A todos os meus queridos amigos e colegas, em especial à Emille Cássia que incentivava, desde as primeiras escritas acadêmicas, mesmo nos momentos que pensava em desistir ao perceber algum obstáculo e pelo apoio constante na elaboração desse trabalho, onde mesmo distante fisicamente se fazia presente nessa caminhada.

A todos os professores que contribuíram direta ou indiretamente para a minha formação. Principalmente a querida Professora Doutora Adir Luz, sempre acreditando no meu potencial e estimulava meu interesse pelos temas. Suas aulas são magníficas. Ao professor Fidel (Jorge Antônio da Silva Rangel) pela dedicação e generosidade em aceitar ser o parecerista desta monografia, além do carinho, ética e moral na avaliação desta. Obrigada!

Enfim, a todos que contribuíram direta e indiretamente para a conclusão e construção da presente monografia. Obrigada!

## Agradecimentos

Ao Professor Doutor e Orientador, Reinério Simões, que mesmo faltando alguns meses para a entrega da monografia, aceitou-me como orientanda com toda paciência e dedicação orientou-me para a conclusão do trabalho. Mesmo que o tema escolhido não fosse de sua área de pesquisa e formação. Demonstrando assim seu interesse em sempre aprender cada vez mais e se dedicar para poder orientar-me. Obrigada por tudo.

## RESUMO

Após intervenções no Colégio Estadual Professora Henny de Mendonça Gama situado em Vila Laje/SG proposto pela disciplina de Educação de Jovens e Adultos II pela professora Ruth Ramiro em 2010, percebemos a quantidade de educandos buscando o conhecimento com o objetivo de conquistar melhores oportunidades no mercado de trabalho que hoje está cada dia mais exigente de qualificação profissional.

## ABSTRACT

After interventions in the State College Professor Henny de Mendonca Gama located in Vila Laje / SG proposed by the discipline of Education Youth and Adults II by Professor Ruth Ramiro in 2010, we realized the amount of students seeking knowledge in order to achieve better market opportunities work today is becoming more demanding of professional qualification.

## SUMÁRIO

DEDICATÓRIA .....	06
AGRADECIMENTOS .....	07
RESUMO .....	09
ABSTRACT .....	10
SUMÁRIO .....	11
INTRODUÇÃO .....	12
CAPÍTULO I .....	15
1.1 - Educação para todos .....	15
1.2 - Breve histórico da Educação no Brasil .....	17
CAPÍTULO II .....	22
1.1 - Breve histórico da Educação de Jovens e Adultos no Brasil .....	22
1.2 - Intervenção no Colégio Estadual Professora Henny de Mendonça Gama .....	28
CAPÍTULO III .....	32
3.1 – Educação e seus investimentos .....	32
3.2 – As estruturas físicas .....	34
3.3 – EJA e a profissionalização para o mercado de trabalho .....	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	41
REFERÊNCIAS .....	44

## INTRODUÇÃO

Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo (FREIRE, 1987, p. 13).

Esta monografia tem por finalidade analisar a relação entre a Educação de Jovens e Adultos na sociedade e seu desenvolvimento profissional na mesma.

Tendo como objetivo analisar a relação do aluno na modalidade EJA na sociedade e o seu desenvolvimento profissional. Articulando com as estruturas físicas onde os alunos são comportados para o acesso as aulas e materiais pedagógicos, além da análise crítica das intervenções financeiras por parte dos governantes políticos em relação à EJA.

No primeiro capítulo abordaremos o assunto sobre a história da Educação no Brasil, adotando a história da Educação de Jovens e Adultos no país. Além do conceito de Educação e o direito à Educação. O presente trabalho acadêmico advém no estudo das teorias de Freire em Educação e Mudança (1979), Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº. 9394/96, PILLETTI em Estrutura e funcionamento do ensino de 1o grau e História da educação no Brasil (1996), Ferreiro em Reflexões sobre alfabetização (2001), Arroyo em Educação de jovens-adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública (2005) entre outros autores, possibilitando um embasamento teórico junto com a prática e a realidade no cotidiano dos educandos da EJA.

No segundo capítulo, compararemos a EJA na atualidade e suas perspectivas para o desenvolvimento profissional na sociedade. Nesse capítulo, abordaremos sobre a história da Educação de Jovens e Adultos no Brasil até os dias atuais. As intervenções realizadas no Colégio Professora Henny de Mendonça Gama e as observações sobre as estruturas físicas e investimentos pelo poder público serão adotadas nesse capítulo para um maior embasamento entre a teoria e a prática. Onde a teoria será aprofundada nos

conceitos em Freire Pedagogia da autonomia (1996), Conferência Internacional sobre Educação de Adultos – Hamburgo/Alemanha (1997), SOARES A educação de jovens e adultos: momentos históricos e desafios atuais (1996), Vygotsky em Pensamento e Linguagem (1988) entre outros autores.

O terceiro e último capítulo trabalharemos a análise crítica em relação à EJA, as estruturas físicas das instituições nos dias atuais e as intervenções financeiras do poder público, falta de recursos pelos governantes do estado e a relação dos alunos da EJA e a profissionalização para o mercado de trabalho.

O interesse pelo tema em questão surgiu a partir do contato com a turma de Educação de Jovens e Adultos, no Colégio Professora Henny de Mendonça Gama, à qual na disciplina de EJA II ministrada pela Professora Ruth Ramiro em 2010.

A proposta de trabalhar a disciplina de EJA II foi de não somente ficarmos na faculdade discutindo os textos teóricos, mas sim ir além da sala de aula. Partimos do princípio que a universidade dissolve, cria uma ruptura de forma subjetiva entre a prática e a teoria. Por esse motivo, partimos para uma experiência prática, para saber mais sobre a educação de jovens e adultos, conversando com professores que trabalham com a EJA, com a coordenação e com a diretora do Colégio Professora Henny de Mendonça Gama que gentilmente abriu as portas da instituição de ensino para que nós tivéssemos a oportunidade de estar em um ambiente educacional que trabalha unicamente com a modalidade de EJA.

No Colégio Professora Henny de Mendonça Gama, fizemos uma pesquisa e intervenção na classe de alunos do 2º ano do ensino fundamental, turma 2002. Alunos de diversas idades entre 17 anos e 51 anos, sendo a maioria do sexo feminino. A intervenção foi composta de uma dinâmica e um questionário para sondar melhor as características dos alunos da turma de EJA. Uma das principais perguntas do questionário abordava ao motivo de estar estudando numa turma de EJA onde a maioria da turma respondeu informando o interesse devido a melhores oportunidades no mercado de trabalho. Devido a essa questão, ao longo desse trabalho, pretende-se relacionar a Educação de Jovens e Adultos e o desenvolvimento profissional do educando na sociedade.

Procurando estabelecer uma relação entre os conceitos/questões teórico-filosóficas juntamente com a realidade vivenciada pelos educandos no dia a dia, buscase alavancar com alguns aspectos na aprendizagem, processo de construção do conhecimento e os recursos públicos destinados as instituições que comportam alunos na modalidade EJA.

Queremos com essa monografia, dar maior viabilidade no sentido em relação à falta de investimento por parte dos governantes políticos para a Educação de Jovens e Adultos. Buscando entender que a EJA veio como uma mudança, uma possibilidade de ampliar a maneira de se desenvolver profissionalmente e atender ao mercado de trabalho com mão de obra qualificada. Tentar dissuadir a concepção entranhada de que o educando da EJA é visto como excluído da sociedade. Enxergar que a educação é um direito de todos e não somente da camada elitizada da burguesia. Sim, um direito público e subjetivo para qualquer cidadão.

## CAPÍTULO I

*Não há saber mais ou saber menos. Há saberes diferentes. (Paulo Freire)*

Ao abordar o tema sobre a Educação de Jovens e Adultos, devemos primeiramente nos remeter aos conceitos da educação e o direito público e subjetivo garantido pelo poder público. Adotar o tema sobre a história da Educação no Brasil e assim, posteriormente trabalhar o tema do trabalho acadêmico. Entender o que aconteceu no passado para compreender o presente e mudar o futuro, em prol de dias melhores para a EJA. Faremos nesse capítulo um breve histórico, apontando os pontos principais e mais marcantes da história da educação no nosso país.

### **1. 1- Educação para todos**

Falar de educação nos remete automaticamente ao lugar físico da escola. Mas nem sempre a educação se dá somente neste lugar e em diversas vezes esse lugar não é o melhor para o aprendizado do educando. Não existe um único modelo de educação, uma fórmula mágica de aprendizado.

*Educação básica para todos significa dar às pessoas, independentemente da idade, a oportunidade de desenvolver seu potencial, coletiva ou individualmente. (Declaração de Hamburgo sobre Educação de Adultos em 1997)*

Num mundo tão grande, com 250 países, cinco continentes, com 190.755.799 de brasileiros (fonte IBGE - censo 2010), não poderia ter uma única forma de aprendizado,

uma única educação onde o aluno é aquele que não sabe nada e o professor o dono do saber. A educação existe em vários lugares e de diferentes formas. Existe em cada tribo, cada nação, cada Estado, em cada categoria de sujeitos de um povo e entre eles.

Mas o que vem a ser a definição da palavra Educação? No dicionário Michaelis<sup>1</sup> online define a Educação como:

*sf (lat educatione)* **1** Ato ou efeito de educar. **2** Aperfeiçoamento das faculdades físicas intelectuais e morais do ser humano; disciplinamento, instrução, ensino. **3** Processo pelo qual uma função se desenvolve e se aperfeiçoa pelo próprio exercício: *Educação musical, profissional* etc. **4** Formação consciente das novas gerações segundo os ideais de cultura de cada povo. **5** Civilidade. **6** Delicadeza. **7** Cortesia. **8** Arte de ensinar e adestrar os animais domésticos para os serviços que deles se exigem. **9** Arte de cultivar as plantas para se auferirem delas bons resultados. *E. física*: a que consiste em formar hábitos e atitudes que promovam o desenvolvimento harmonioso do corpo humano, mediante instrução sobre higiene corporal e mental e mediante vários e sistemáticos exercícios, esportes e jogos.

Podemos ainda definir a educação como a troca de conhecimento, crença, valores, transferência do saber, uma fração da experiência entre culturas.

A educação está entre pessoas onde há a intenção de ensinar-aprender. Ela está em todos os lugares, no ensino de todo o saber, não somente na escola. Existem assim, várias educações e cada uma está voltada para a sociedade que atende.

Hoje em dia há muitas leis, principalmente as relacionadas à educação. Contudo ter leis não significa que as mesmas são cumpridas. Assim comprova que a teoria é muito diferente da prática.

Um clássico exemplo para essa afirmação acima, podemos mencionar a educação como direito de todos e dever do Estado que está assegurada na Constituição

---

<sup>1</sup> Extraído do endereço: <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=educação> acessado em 17/01/2012.

Federal de 1934. Porém o que podemos ver nos dias atuais é que o poder público (seja ele Federal, Estadual ou Municipal) não cumpre com suas obrigações. Obrigações essas que são repetidas em Constituições e Leis educacionais até os dias atuais.

Outro fato que podemos destacar para a educação são os recursos financeiros onde é garantida por lei a obrigação do financiamento, contudo presidentes, governadores, prefeitos não repassam essas verbas ou não aplicam por completo em recursos voltados para a educação.

A Lei de Diretrizes e Bases de 9394/96, no seu Art. 67 informa: “*Os sistemas de ensino promoverão a valorização dos profissionais da educação, (...) inclusive nos termos dos estatutos e dos planos de carreira do magistério público*”. Analisando esse artigo podemos claramente perceber que o mesmo trata dos profissionais somente da área de educação pública e não da particular/rede privada. Refletindo sobre a posição acima, vemos que os profissionais de educação da área privada não participam da valorização para contribuir com um ensino de qualidade para os alunos. Entre outras incoerências da lei que não serão citadas nesse trabalho.

Na Lei de Diretrizes e Bases 9394/96, afirma que a educação é um direito público e subjetivo. Mas o que vem a ser o significado desse adjetivo “público”? Entendemos que a palavra “público” diferencia-se do privado. Público refere-se à população, a sociedade. Vincula-se ao Estado, ao governo, ao órgão instituído em determinada sociedade com o objetivo de cuidar do interesse em comum.

## **2. 2- Breve histórico da Educação no Brasil**

A História da Educação é abordada desde o ensino Fundamental, principalmente nas disciplinas de História. Sabemos que a História da Educação deu-se início com a chegada dos portugueses, precisamente os jesuítas, ao Novo Mundo.

Não estamos negando que antes da chegada dos portugueses não existia um ensino pelos índios. Mas os jesuítas trouxeram consigo a moral, a religiosidade e os costumes europeus para as nossas terras, além de métodos pedagógicos.

Ressaltamos ainda que, havia uma educação praticada pelos índios como o ensino da pesca e caça aos mais novos da tribo, a cultura e a religiosidade, confecção de objetos e utensílios. Todo o ensinamento era voltado para os seus interesses e utilizado métodos próprios de ensino nas tribos. Contudo esses métodos não eram baseados nos ensinamentos europeus que a partir de 1500 começaram a chegar a nossas terras e um novo mundo começou a frente destes.

Os jesuítas começaram sua peregrinação de ensino em terras brasileiras em 1549 até 1759. Durante 210 anos de absolutismo pleno focado no desenvolvimento educacional e na religiosidade. Quando houve a expulsão dos jesuítas por Sebastião José de Carvalho e Melo primeiro ministro de Portugal, conhecido como Marques de Pombal. Contribuindo assim para a ruptura na Educação no Brasil. Na verdade, Marques de Pombal queria programar um ensino voltado para o interesse do Estado e os jesuítas voltavam seus ensinamentos para a fé, a religião.

Nesse momento, deu-se início ao caos na educação brasileira com a expulsão dos jesuítas. Com isso, pouca coisa restou da prática pedagógica no Brasil.

Após esse marco na Educação, tentou-se outros métodos de ensino como as aulas régias, o subsídio literário. Mas nada conseguiu ir em frente.

Criadas por Marques de Pombal em 1759, as aulas régias eram compostas por Latim, Grego e Retórica. Elas eram autônomas e isoladas, não se articulavam uma com as outras e o professor era único.

O subsídio literário foi criado em função da manutenção dos ensinamentos primário e médio em 1772. Eram taxas ou impostos incididos sobre alguns alimentos. Entretanto não era cobrado com austeridade. Desta forma, os professores que eram mal preparados, demoravam em receber seus vencimentos.

No Rio de Janeiro, criou-se então em 1798, o Seminário de Olinda que PILETTI descreve:

*Tinha uma estrutura escolar propriamente dita, em que as matérias apresentavam uma sequência lógica, os cursos tinham uma duração determinada e os estudantes eram reunidos em classe e trabalhavam de acordo com o plano de ensino estabelecido.*

*(PILETTI, 1996:37)*

Em 1808, Portugal está sendo ameaçado de invasão por Napoleão Bonaparte e suas tropas aliadas francesas. A Família Real viu-se sem condições militares de enfrentar os franceses, onde D. João, príncipe regente do momento, decidiu transferir a corte portuguesa para a Colônia brasileira.

Precisamente em março de 1808, a Família Real foi instalada no Rio de Janeiro. Trazendo com eles muito dinheiro, documentos, bens pessoais, obras de arte, objetos de valor entre outros.

No ano de 1818, a mãe de D. João veio a falecer. E assim D. João tornou-se rei do Reino Unido a Portugal e Algarves, sendo chamado de D. João VI.

D. João VI adotou várias medidas que contribuíram para o desenvolvimento brasileiro. Foi nessa época que diziam que o Brasil foi realmente descoberto, pois com a transferência da família Real para o Novo Mundo, D. João VI deu início a várias obras como a Academia Militar, Escolas voltadas para o ensino de Direito e Medicina, a Biblioteca Real, o nosso famoso Jardim Botânico, a Imprensa Régia, construção de estradas, abertura do comércio, entre tantos outros investimentos para o Brasil.

Apesar dos investimentos para o desenvolvimento no nosso país, a Educação sempre foi tema para segundo plano. Onde muitos reclamavam da qualidade ruim no ensino. Para exemplo dessa afirmação podemos ressaltar que a nossa primeira universidade foi inaugurada somente em 1934 em São Paulo. Percebemos assim que desde 1500 até 1934 quando se criou a nossa primeira universidade, o descaso durante 434 anos com uma educação de qualidade e superior.

Até os dias atuais a educação não tem papel de destaque pelos governantes políticos, mantendo-se com a característica de “status quo<sup>2</sup>” para aqueles que enfrentam as aulas nas escolas.

Voltando a História da Educação, em 1821, D. João VI retorna para Portugal e deixa seu filho D. Pedro I em terras brasileiras. Nossa Independência é proclamada em 1822 e em 1824 foi outorgada nossa primeira Constituição Brasileira onde no Art. 179 retrata sobre a educação primária e gratuita a todos os cidadãos.

Contudo ao contrário do que se pensava até a Proclamação da República em 1889, a educação não foi vista com o papel de protagonista para a sociedade e seu desenvolvimento para o mundo.

Após a proclamação da República, vieram várias reformas na educação como a de Benjamin Constant que seguia princípios adotados na Constituição Brasileira; Reforma Rivadávia Correa; Reforma Carlos Maximiliano entre tantas outras no período da Primeira República.

O Ministério da Educação e Saúde Pública foi criado em 1931. Era preciso uma estruturação na educação e mão de obra especializada, visto que o Brasil ganhou espaços no mundo capitalista com a crise econômica mundial em 1929. Com isso, foram criados vários decretos com a finalidade de estruturar e regulamentar o ensino secundário e as universidades no Brasil ainda não existentes no período. Salientamos que mesmo não havendo universidades no Brasil, pois a primeira universidade foi inaugurada somente em 1934 em São Paulo (cinco anos depois), mesmo assim, foram regulamentadas.

A educação brasileira foi tomando formas com Constituições, Decretos, Reformas, Conselhos Nacionais, Leis, Planos entre tantos outros que contribuíram para formar a estrutura educacional atual.

Foram muitas lutas, discussões/debates, movimentos, mudanças de presidentes e até os dias atuais a educação precisa de mudanças e um olhar com mais austeridade para que a mesma seja estabelecida como protagonista da sociedade para o desenvolvimento

---

<sup>2</sup> Expressão latina que significa estado atual.

do país. Sem isso, apesar da longa caminhada percorrida, a educação morrerá aos pés de um país subdesenvolvido, sendo tratada somente como figurante do desenvolvimento pleno da nação.

## CAPÍTULO II

*A educação é a arma mais poderosa que você pode usar para mudar o mundo. (Nelson Mandela)*

### **2. 1- Breve histórico da Educação de Jovens e Adultos no Brasil**

Ao começar a escrita do Capítulo II definimos que a Educação de Jovens e Adultos é uma modalidade e não uma etapa da educação. Para Arroyo o ensino é limitado. Já a modalidade é ampla, algo mais abrangente, uma abertura na educação.

A história da Educação de Jovens e Adultos no Brasil, oficialmente teve seu início recente. Embora desde o século XVI, com os jesuítas voltados para uma educação religiosa, educavam crianças, jovens e adultos com seus métodos pedagógicos.

No Brasil Império, período de 1822 até 1889, viu-se a necessidade da criação de aulas noturnas com o objetivo de alfabetizar adultos.

As chamadas Escolas Noturnas, durante muito tempo eram o único meio de ensino onde os adultos podiam freqüentar no país.

Mas o país foi crescendo e tomando forma, com isso o desenvolvimento industrial no século XX, o Brasil passou a valorizar a educação de adultos. Contudo foi um processo lento e gradativo para que essa “valorização” (propriamente dita) pudesse acontecer.

Em 1940, foi diagnosticado um alto índice de analfabetismo no país. E como consequência, o governo decidiu criar um fundo para a alfabetização de adultos.

A UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura) foi criada em 1945. O Brasil era um dos países integrantes e assim houve a solicitação por parte da UNESCO a educação de adultos analfabetos.

A primeira Campanha de Educação de Adultos no Brasil deu-se início em 1947 com a proposta de alfabetizar em três meses, além do oferecimento de um curso primário em duas etapas de sete meses.

Acompanhando a história da educação no Brasil, percebemos marcas bastante profundas no que diz respeito ao adulto analfabeto. Esses eram marcados pelo preconceito de um país subdesenvolvido por causa do analfabetismo. Além das cicatrizes entranhadas que carregavam como sendo um elemento da sociedade baseado na incapacidade de aprendizado e marginalização socialmente. Não podiam votar muito menos ser votado.

De acordo com SOARES (1996), a primeira Campanha tinha seus objetivos específicos como o momento pós-guerra, onde a ONU recomendou a educação de adultos entre outras várias indicações.

A primeira Campanha de Educação de Adultos não obteve o sucesso esperado pelos políticos governantes, contudo contribuiu de forma significativa para a mobilização não só estadual, regional, mas nacional para a discussão da Educação de Jovens e Adultos. Preconceitos foram gradativamente superados, principalmente no que se referia a idéia de incapacidade dos adultos à aprendizagem.

Segundo SOARES (1996), a primeira Campanha de Educação não foi a frente por diversas questões como a condição precária para o funcionamento das aulas, evasão escolar por parte dos educandos jovens e adultos, inadequação do material didático pedagógico, entre outros motivos.

Um novo olhar em relação à Educação de Jovens e Adultos se fazia necessário naquele momento. E assim surgiu aos poucos, uma nova visão voltada para o analfabetismo de adultos. Estruturada por uma nova Pedagogia baseada para alfabetização de adultos e não infantilização de métodos pedagógicos em relação ao ensino-aprendizagem.

Uma nova visão foi criada para a Educação de Jovens e Adultos, onde foram caindo às máscaras do preconceito em que o analfabetismo era a causa da pobreza. Passando a ser visto como efeito da pobreza criada pela sociedade injusta e não igualitária. Contudo não podemos nos deixar enganar acreditando que tudo é muito

bonito e lindo para a Educação de Jovens e Adultos. Até os dias atuais o problema do analfabetismo é um fato que aterroriza as políticas públicas, quase que impossível o cumprimento dos termos estabelecidos pela Constituição Federal de 1988.

Voltando um pouco a história da Educação no Brasil, podemos perceber que a educação aplicada pelos jesuítas possuía um cunho evangelístico. As crianças indígenas também foram alfabetizadas, contudo o foco maior era voltado para os adultos indígenas. Facilitando assim a dominação dos chamados “selvagens” e colocando ordem na sociedade até atingir os seus objetivos no país recém-descoberto.

Até o final em que o Brasil era colônia de Portugal, a alfabetização era algo não era discutido, pelo contrário era oculto. Analfabetismo era uma realidade que pairava a sociedade e o projeto de educação da Companhia de Jesus conseguiu alimentar a distinção e discriminação de classe naquela época. Pois existiam escolas diferenciadas, onde os filhos e descendentes dos colonizadores freqüentavam as escolas com qualidade superior as escolas freqüentadas pelos indígenas, os colonos e os mestiços.

Nessa afirmação acima, reflete de forma clara e precisa a discriminação na educação, que existia desde os primórdios no Brasil.

Os jesuítas foram expulsos das terras brasileiras por Marques de Pombal. Onde toda estrutura educacional foi reformulada. Contudo ainda foram aproveitados os mestres-escolas e os preceptores da aristocracia rural que eram ex-alunos da escola dos jesuítas. Formandos assumiram sua posição perante a profissão, contudo de forma gradativa, pois se levou cerca de mais de uma década para que os jesuítas fossem substituídos.

As reformas pombalinas tinham um caráter europeu, refletia assim a modernidade da Europa, com constantes mudanças, o que dificultava assim, os mestres de acompanhar as mudanças e inovações.

O objetivo principal das reformas pombalinas não estava voltado para a alfabetização, que mais uma vez foi deixado de lado e dado visão ao ensino secundário por meio das aulas régias.

Criadas por Marques de Pombal em 1759, as aulas régias eram compostas por Latim, Grego e Retórica. Elas eram autônomas e isoladas, não se articulavam uma com as outras e o professor era único.

Tanto a educação jesuítica quanto a pombalina não visaram à alfabetização e educação para todos, principalmente para a maioria da população carente.

Com a vinda da Corte para o Brasil, a educação começa a ter outros aspectos satisfatórios. Nessa época, vários cursos são criados com a finalidade de atender aos objetivos do governo recém instalado. Cursos profissionalizantes em nível médio, superior e militar, pois o Brasil precisava de mão de obra qualificada para receber a Família Real e um país digno para a Corte. Assim foram criados Curso de Cirurgia na Bahia, Curso de Anatomia no Rio de Janeiro, depois vieram outros cursos como o de Medicina, todos com nível superior.

Mesmo com tanta mudança, a educação ainda continua elitizada, atingindo principalmente a classe burguesa. Possuía a estrutura em três níveis de ensino: primário (somente para ler e escrever), secundário (as aulas régias criadas por Marques de Pombal) e superior (com cursos destinados a elite da sociedade).

Com isso, mesmo com a população nessa época possuindo cerca de 14 milhões de habitantes, ainda assim cerca de 85% (pouco menos de 12 milhões de habitantes) da população era analfabeta, vivendo as margens da educação.

Alguns decretos, leis, constituições foram criadas em prol do combate ao analfabetismo, contudo nem sempre o que está no papel é colocado em prática como nos dias atuais, assim seguia o mesmo ritmo antigamente. A implementação da lei era feita gradativamente ou até tardia e assim não atingia sua finalidade. Poderíamos citar a Constituição de 1824 que defendia um sistema educacional nacional; a lei de outubro de 1827; o Ato Adicional de 1834, esse distribuiu as responsabilidades da educação básica ficaria com as Províncias e o governo imperial cuidaria somente da educação das elites; a Lei Saraiva, de 1881, originava as eleições diretas, contudo não era para todos, vinculando somente quem tinha renda e quem era alfabetizado. Com isso avigorava o preconceito que os analfabetos eram incapazes dentro da sociedade e ignorantes.

Com o censo de 1890, século XX, foi diagnosticado que 80% da população eram analfabetos. A partir desse diagnóstico, foram tentadas várias intervenções como exemplo a Liga Brasileira Contra Analfabetismo em 1915 no Rio de Janeiro.

Outras manifestações foram criadas como: o método de desanalfabetização criado por Abner de Brito, onde era voltado para um ensino alfabetizador em sete lições somente; Paschoal Leme foi o primeiro a tentar programar o ensino supletivo nas décadas de 30 e 40. Com isso, nessas mesmas décadas foram criadas práticas pedagógicas não oficiais na alfabetização de adultos como o uso da Literatura de Cordel e a carta ABC.



Literatura de cordel<sup>3</sup>



Carta ABC<sup>4</sup>

<sup>3</sup> Extraído do site: <http://www.ablc.com.br/>

<sup>4</sup> Extraído do site: <http://www.perfilho.prosaeverso.net/audio.php?cod=15201>

Apesar dessas práticas pedagógicas ainda existia a infantilização na transmissão do conhecimento voltado para os jovens e adultos. Diante dessa situação problema, foi criada a primeira Lei Orgânica do Ensino Primário em 1946, em que trata do material adequado ao educando, guia de leitura e escrita na alfabetização.

Pai da pedagogia, assim conhecido, Paulo Freire fazia parte do grupo com o objetivo da criação de um Plano Nacional de Alfabetização juntamente com o Ministério da Educação. Contudo o Golpe Militar amortizava a alfabetização somente a desenhar o próprio nome o que acabou com os objetivos desenvolvidos no Plano Nacional de Alfabetização, pois a alfabetização vai muito além de somente desenhar o próprio nome.

Criado em 1967, foi criado o MOBRAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização), foi mais um programa que fracassou em seus objetivos, pois possuía material padronizado e não garantia a continuidade dos estudos.

Em 1985, foi criada a Fundação Educar, que foi abolida em 1990, onde nessa década ocorreu a omissão do governo federal voltada para a educação de jovens e adultos. Entretanto em 1988 foi criada a Constituição que estendeu a educação como direito aos jovens e adultos na sociedade.

O PAS (Programa de Alfabetização Solidário) foi criado em 1996, aproveitava práticas pedagógicas.

Em 1998, foi criado o Pronera (Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária) como o nome já diz, com o objetivo de atender aos indivíduos nas áreas de assentamento.

Já no governo de Lula, foi criado o programa Brasil Alfabetizado, focado no voluntariado, gerou assim expectativas em prol da sociedade resolver o problema do analfabetismo.

Contudo até os dias atuais, ainda há um movimento que resiste e luta em prol da Educação de Jovens e Adultos com maior qualidade, mais investimentos públicos e um olhar mais austero dos governantes políticos. Um duelo para mostrar para a sociedade que os educandos da EJA devem ser vistos como alunos que tem seu potencial, possuem

suas aprendizagens no cotidiano e não são vagos de informações. São educandos com trajetórias de vida que buscam o conhecimento e estão em pleno desenvolvimento para a aprendizagem.

Esses jovens-adultos protagonizam trajetórias de humanização. Conseqüentemente, devemos vê-los não apenas pelas carências sociais, nem sequer pelas carências de um percurso escolar bem-sucedido. Uma característica do olhar da historiografia e sociologia é mostrar-nos como os jovens se revelam protagonistas nas sociedades modernas, nos movimentos sociais do campo ou das cidades. Se revelam protagonistas pela sua presença positiva em áreas como a cultura, pela pressão por outra sociedade e outro projeto de campo, pelas lutas por seus direitos. Trata-se de captar que, nessa negatividade e positividade de suas trajetórias humanas, passam por vivências de jovens-adultos onde fazem percursos de socialização e sociabilidade, de interrogação e busca de saberes, de tentativas de escolhas e formação de valores. As trajetórias sociais e escolares truncadas não significam sua paralisação nos tenso processos de sua formação mental, ética, identitária, cultural, social e política. Quando voltam à escola, carregam esse acúmulo de formação e de aprendizagens. (ARROYO, 2006, p.25).

## **2. 2 - Intervenção no Colégio Estadual Professora Henny de Mendonça Gama**

As disciplinas de algumas faculdades muitas das vezes deixam a desejar no que diz respeito à prática articulada com a teoria. Nesse sentido, nós alunos da disciplina de EJA II ministrada pela professora Ruth Ramiro no segundo semestre de 2010, propomos que a disciplina não ficasse somente na sala de aula da faculdade e que esta expandisse os muros das universidades. Partimos do princípio que a universidade dissolve, cria uma ruptura de forma subjetiva entre a prática e a teoria. Com isso, queríamos mesmo, conhecer a prática de um colégio voltado para Educação de Jovens e Adultos. Vivenciar, conhecer, articular, intervir numa escola somente de modalidade EJA.

Foi assim que surgiu a escola pelo Colégio Henny de Mendonça Gama (voltado somente para a modalidade de Educação de Jovens e Adultos), localizado em Vila Laje no município de São Gonçalo, RJ.



(foto do dia da intervenção no Colégio)

No Colégio Professora Henny de Mendonça Gama, fizemos uma pesquisa e intervenção na classe de alunos do 2º ano do ensino fundamental, turma 2002. Alunos de diversas idades entre 17 anos e 51 anos, sendo a maioria do sexo feminino. A intervenção foi composta de uma dinâmica e um questionário para sondar melhor as características dos alunos da turma de EJA. Uma das principais perguntas do questionário abordava ao motivo de estar estudando numa turma de EJA onde a maioria da turma respondeu informando o interesse devido a melhores oportunidades no mercado de trabalho.



(foto do dia da intervenção no Colégio)

Percebemos uma escola com estruturas físicas precárias construídas com moldes/blocos onde em algumas paredes possui em sua composição portas por toda a sua extensão ao invés de paredes de concreto. Contudo o colégio possui bastantes recursos onde os professores se mobilizam em prol da Educação de qualidade para os educandos Jovens e Adultos.

Toda a estrutura física do colégio se dividia entre uma copiadora terceirizada; uma cantina; um refeitório pequeno, contudo “acolhedor” onde fica o validador do Rio Card Escolar; uma biblioteca com acervo de livros variados contendo livros recreativos, de histórias e também literários até os atuais; uma sala dos professores; além das salas de aula. Percebemos que o colégio não possui uma quadra para esportes onde toda atividade física é feita no pátio da instituição.

Ficamos admirados como a alfabetização era feita no colégio, geralmente as cartilhas, livros doados pelo governo possuíam em sua composição métodos ultrapassados para o ensino da EJA ou que não correspondiam com a realidade dos alunos. Desta forma, os professores do Colégio Professora Henny de Mendonça Gama se propunham a confeccionar cartilhas voltadas para a realidade dos alunos, com textos, atividades, exercícios, problemas. Todos envolvendo o dia a dia dos educandos jovens e adultos do colégio. Cada professor desse colégio carrega a responsabilidade de confeccionar o material a ser trabalhado.

Os professores não tinham nenhuma preparação, curso adicional ou especialização para atuar na modalidade EJA. Atuavam com a força de vontade. Com o objetivo de educar com qualidade para um futuro melhor e mais digno aos seus educandos.

Devido aos motivos acima citados, há uma evasão de professores significativa na modalidade da EJA, pois muitos não sabem como lidar com a realidade do colégio.

A evasão dos próprios professores veio a reafirmar a nossa vontade como alunos da universidade de buscar a prática correlacionada com a teoria. Desmascarando o sentido que as universidades implantam do bonito e perfeito. Um modelo estabelecido e padronizado dentro das escolas. Uma realidade surreal. Deparamo-nos com o dia a dia dos alunos e percebemos que é muito diferente daquilo que aprendemos com a teoria. Não quero afirmar que foi assim no nosso caso na universidade, pelo contrário, tivemos a oportunidade de perceber a realidade presente numa escola de EJA e levar como experiência para a nossa prática pedagógica. Desta forma, precisamos cada vez mais abrir os portões das universidades em busca da prática interligada sempre com a teoria, para tornar o educando com possibilidades de maior aprendizado e tornando-o flexível a realidade da educação.

## CAPÍTULO III

*Educar é crescer. E crescer é viver. Educação é, assim, vida no sentido mais autêntico da palavra. (Anísio Teixeira)*

Ao dar início ao terceiro e último capítulo, trabalharemos a análise crítica em relação à EJA, as estruturas físicas das instituições nos dias atuais e as intervenções financeiras do poder público, falta de recursos pelos governantes, além da relação dos alunos da EJA e a profissionalização para o mercado de trabalho.

### **3.1 – Educação e seus investimentos**

Com a intervenção realizada em 2010 no Colégio Estadual Professora Henny de Mendonça Gama apesar de ser um colégio que possui bastantes recursos onde os professores se mobilizam em prol da Educação de qualidade para os educandos Jovens e Adultos. Os investimentos em estruturas físicas são precárias, construídas com moldes/blocos onde em algumas paredes possui em sua composição portas por toda a sua extensão ao invés de paredes de concreto. Essa precariedade não fica muito longe nos colégios ou instituições que são ministradas a modalidade EJA.

De acordo com a determinação constitucional, os municípios são obrigados a investir até 25% da arrecadação dos impostos e transferências em educação. Porém nem sempre esse percentual é aplicado por completo na educação. Outro impasse que há no investimento do poder público é que não existe uma transparência de valores repassados, valor arrecadado por impostos e o valor/percentual aplicado.

Conforme o Perfil dos Gastos Educacionais nos Municípios Brasileiros, realizado pela Undime (União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação), o

detalhamento dos gastos na educação não é levado a “sério” e os relatórios acabam sendo algo para cumprir uma obrigatoriedade da burocracia de gestão e planejamento.

Em outra análise podemos perceber que os gastos com investimentos na educação por regiões no Brasil não é unificado. Existe uma diferença absurda entre as regiões do país.

Pesquisa feita pela Undime (União Nacional dos Dirigentes Municipais Brasileiros) realizada em 2009 com 224 municípios do país traduz a realidade dos investimentos na educação por regiões do Brasil. Foram feitas análises de gastos em manutenção, desenvolvimento do ensino em municípios e os investimentos feitos por alunos desde a creche até o ensino fundamental incluindo nessa pesquisa a Educação de Jovens e Adultos.

<b>Tabela undime</b>						
<b>Estimativa de valor por aluno das redes municipais por Região (ano de 2009)</b>						
Etapa/modalidade	Brasil (R\$)	Norte (R\$)	Nordeste (R\$)	Centro-Oeste (R\$)	Sudeste (R\$)	Sul (R\$)
Creche	5.144,09	Não informado	1.876,89	3.092,80	8.272,43	5.835,42
Pré-escola	2.647,10	1.710,27	1.531,56	2.384,12	3.757,21	4.461,54
Educação infantil	3.122,36	1.801,53	1.605,48	2.563,07	4.971,26	4.688,83
Fundamental - séries iniciais	2.815,46	2.554,90	1.948,80	3.048,21	3.649,11	3.586,73
Fundamental - séries finais	3.134,38	2.998,45	2.276,16	3.000,04	4.322,81	3.673,78
Ensino fundamental	2.937,65	2.676,69	2.034,89	2.987,51	3.897,77	3.582,99
EJA	1.881,95	Não informado	1.075,83	2.417,91	2.778,52	2.369,89

Ao analisar a tabela acima, percebemos claramente que os investimentos não são únicos, eles são na verdade diferenciados por região. Onde as regiões Sudeste, Sul e Centro-Oeste possuem um valor maior de investimentos enquanto nas regiões Norte e Nordeste os investimentos acabam sendo, em algumas etapas da educação, menos da metade do que é investido em outras regiões.

De acordo com as informações dos pesquisadores, não existe um controle prático para os gastos investidos na educação. Dessa forma, os valores acabam sendo divergentes e não unificados por regiões.

Os alunos não podem se sentir inferiorizado por nascer em uma região menos favorecida com a educação. O educando não tem culpa dessa falta de investimento pelo poder público. As autoridades deveriam ter um olhar mais severo para os investimentos na área pública de educação e um controle mais rígido com os relatórios dos gastos, para que as informações fiquem claras e transparentes aos olhos dos políticos tanto nas esferas municipais, estaduais quanto nas federais. Para que a educação possa tomar um rumo diferente e com maior qualidade aos educandos.

### **3.2 – As estruturas físicas**

Após uma sugestão de visita no Colégio Estadual Professora Henny de Mendonça Gama com o objetivo da realização do trabalho acadêmico de intervenção em sala de aula, proposto na disciplina EJA II ministrado pela professora Ruth Ramiro em 2010, podemos enxergar de perto as estruturas de um Colégio voltado especificamente para a modalidade EJA.

O colégio fica localizado no município de São Gonçalo, no bairro em Vila Laje no estado do Rio de Janeiro.

No Colégio Estadual Professora Henny de Mendonça Gama, fizemos uma pesquisa e intervenção na classe de alunos do 2º ano do ensino fundamental, turma 2002. Alunos de diversas idades entre 17 anos e 51 anos, sendo a maioria do sexo feminino. A intervenção foi composta de uma dinâmica e um questionário para sondar melhor as características dos alunos da turma de EJA. Uma das principais perguntas do questionário abordava ao motivo de estar estudando numa turma de EJA onde a maioria da turma respondeu informando o interessa devido a melhores oportunidades no mercado de trabalho.



(Extraído: <http://rufinogestaointegrada.blogspot.com.br/2011/11/o-que-elas-dizem-ce-prof-henny-de.html>)

Percebemos uma escola com estruturas físicas precárias construídas com moldes/blocos onde em algumas paredes possui em sua composição portas por toda a sua extensão ao invés de paredes de concreto. Contudo o colégio possui bastantes recursos onde os professores se mobilizam em prol da Educação de qualidade para os educandos Jovens e Adultos.

Toda a estrutura física do colégio se dividia entre uma copiadora terceirizada; uma cantina; um refeitório pequeno, contudo “acolhedor” onde fica o validador do Rio Card Escolar; uma biblioteca com acervo de livros variados contendo livros recreativos, de histórias e também literários até os atuais; uma sala dos professores; além das salas de aula. Percebemos que o colégio não possui uma quadra para esportes onde toda atividade física é feita no pátio da instituição.

Ficamos admirados como o ensino/aprendizagem eram feitos no colégio, geralmente as cartilhas, livros doados pelo governo possuíam em sua composição métodos ultrapassados para o ensino da EJA ou que não correspondiam com a realidade dos alunos. Desta forma, os professores do Colégio Estadual Professora Henny de Mendonça Gama se propunham a confeccionar cartilhas voltadas para a realidade dos alunos, com textos, atividades, exercícios, problemas. Todos envolvendo o dia a dia dos educandos jovens e adultos do colégio. Cada professor desse colégio carrega a responsabilidade de confeccionar o material a ser trabalhado. Apesar dos conteúdos para a Educação de adultos e à educação de crianças e adolescentes variar de acordo com os

contextos socioeconômicos, culturais, variarem de acordo com a necessidade da sociedade em que vivem, os professores tentavam na confecção das apostilas englobarem esses aspectos.

Os professores não tinham nenhuma preparação, curso adicional ou especialização para atuar na modalidade EJA. Atuavam com a força de vontade. Com o objetivo de educar com qualidade para um futuro melhor e mais digno aos seus educandos. Analisamos nesse momento que há uma defasagem na formação do profissional de educação para sua atuação na modalidade EJA.

Com a intervenção, percebemos que o poder público não investe de forma significativa e eficaz na educação principalmente com relação à modalidade de Educação de Jovens e Adultos.

*A EJA nunca foi algo exclusivamente do governo ou do sistema educacional, pelo contrário sempre se espalhou pela sociedade. A EJA sempre fez parte da dinâmica mais emancipatória. (...) se vincula muito mais aos processos de emancipação do que aos de regulação (ARROYO, 2006, p.19).*

Com a afirmação de Arroyo percebemos que a educação, principalmente a EJA, nunca foi algo que preocupasse o poder público. Até os dias atuais há movimento em prol da educação com voluntariados. Fazendo com que o cidadão assuma o cargo de outros sem nenhum custo, somente pela própria vontade de auxiliar na educação de alguém. Não sou contra ao voluntariado, mas precisamos levar a educação com mais rigor no aprendizado do educando.

O poder público sempre tenta se esquivar das responsabilidades e obrigações, algo que está sancionado na constituição, a Educação. Investir na educação é obrigação do poder público e nem sempre nos deparamos com realidades que condizem com a afirmação acima. Percebemos os alunos da EJA sendo tratados como os “primos pobres” da educação. Onde o maior investimento volta-se para a educação básica e não para a EJA.

Não é difícil ver alunos da EJA amontoados em salas de aulas com cadeiras e carteiras precárias e que mal dá para todos os alunos. Em condições difíceis de estudar. Isso quando estudam nas salas de aulas, quando não é preciso improvisar.

Outro aspecto que podemos destacar são os livros que não são adaptados a realidade do educando na EJA. Os livros adotados para a EJA são os mesmos para alunos que estão na escola regulamente com idades ditas “apropriadas” para cada série. Muitos livros carregam em sua composição a infantilização do ensino e muitas vezes professores carregam para si a responsabilidade de criar apostilas/cartilhas com o objetivo de tornar mais claro e adaptado a realidade em que vive os alunos.

A Declaração de Hamburgo sobre a Educação de Jovens e Adultos em 1997 informa que o Estado é o cargo chefe para assegurar o direito de educação para todos os cidadãos voltados principalmente para a minoria e os povos indígenas, não somente a classe elitizada.

*Ele não é apenas um mero provedor de educação para adultos, mas também, um agente financiador, que monitora e avalia ao mesmo tempo. (Declaração de Hamburgo sobre Educação de Adultos em 1997)*

Apesar de ter um crescimento significativo de matrículas e participação de alunos da EJA no mundo, o investimento público ainda não está sendo o suficiente para suprir as necessidades dos educandos como afirma a V Conferência Internacional de Educação de Adultos, realizada em Bangcoc em 2003:

*Temos constatado um declínio no financiamento público para a educação e aprendizagem de adultos, mesmo considerando que a meta mínima de analfabetismo estabelecida no Marco de Ação de Dakar é alcançável – exigindo apenas US\$ 2,8 bilhões por ano. Ademais, o apoio dado tanto pelas agências internacionais quanto pelos governos nacionais tem se concentrado na educação básica formal para crianças em detrimento e descuido para com a educação*

*e aprendizagem de adultos. (V Conferência Internacional de Educação de Adultos, realizada em Bangcoc em 2003).*

### **3.3 - EJA e a profissionalização para o mercado de trabalho**

Vivemos em tempos em que o mercado de trabalho está cada vez mais exigente com a qualificação profissional de seus futuros funcionários, buscando mão de obra qualificada, escolaridade juntamente com a profissionalização. A seleção para um emprego é feita na peneira da especialização do conhecimento, passando somente quem se adapta as condições estipuladas pelas vagas em aberto.

Está nessa afirmação acima, a justificção para se aprimorar cada vez mais nos estudos: adquirir conhecimentos.

Muito comum nos depararmos com alunos da modalidade EJA buscando concluir o ensino fundamental e/ou médio com o objetivo de oportunidades melhores no mercado de trabalho.

Nessa condição entra a Educação de Jovens e Adultos que pode oferecer uma educação com qualidade vinculada a profissionalização do educando.

Para Francisca das Chagas Silva Lima (2005, p.63) afirma que: “as novas tecnologias estão aí, exigindo cada vez mais dos trabalhadores e esses por sua vez, deverão estar predispostos a se qualificarem, através da educação, para que possam exercer funções estabelecidas no mercado de trabalho”.

O mundo hoje respira o desenvolvimento econômico voltado para o capitalismo. Onde este se perpetua na produção extremamente capitalista, exigindo cada dia mais uma educação baseada no saber-fazer. Onde as pessoas que almejam um emprego no mercado de trabalho, precisam estar em constante busca da qualificação de suas habilidades, tentando assim caminhar junto com as transformações e necessidades que o mercado de trabalho procura.

A educação profissional juntamente com a EJA, abrange pessoas que já trabalham em variadas funções no mercado de trabalho (formal ou informal), contudo elas precisam de uma qualificação/especialização mais elevada para ir ao encontro de novas possibilidades profissionais. Como por exemplo, podemos citar um concurso público, onde se é exigido determinada escolaridade para a vaga almejada ou ainda um emprego formal para a função exigida com a qualificação profissional. Mas para que isso aconteça, a escola deverá oferecer uma pedagogia voltada para a formação profissional da sua clientela.

No Colégio Estadual Professora Henny de Mendonça Gama, deparamo-nos com vários alunos que demonstraram o interesse pelos estudos devido a oportunidades melhores no mercado de trabalho.

Muitos buscam a satisfação pessoal de concluir o ensino básico. Contudo o maior interesse ou o que vem sempre junto após os questionamentos informais nas conversas que tínhamos entre uma atividade e outra dentro da sala de aula, era de novas possibilidades para o mercado de trabalho.

Maria Ciavatta (2006, p. 121) ressalta: “O Chile tem um sistema de formação profissional centralizado e dividido em dois subsistemas: a educação técnica e profissional ligada ao Ministério da Educação e a capacitação ocupacional não formal, sob a supervisão do Ministério do Trabalho. O primeiro, atende jovens ainda fora do mercado de trabalho. Nele predomina, em geral, uma formação de base teórica e geral. A capacitação ocupacional de trabalhadores é feita por programas públicos desde os 50. Atendendo a jovens e adultos, é uma formação basicamente prática, no local de trabalho e/ou em instituições especializadas.”

Acreditamos que os exemplos devem ser observados e copiados aqueles que surtem efeitos positivos, de sucesso. Como no caso do Chile, citado por Ciavatta que investe na educação poderia adaptar aos moldes da educação no Brasil buscando assim uma educação de qualidade voltada para o mercado de trabalho.

A educação profissional e tecnológica, no cumprimento dos objetivos da educação nacional, integra-se aos diferentes níveis e modalidades

de educação e às dimensões do trabalho, da ciência e da tecnologia.  
(Art. 39. Da LDB. Lei n. 9.394 de 24 de dezembro de 1996).

Reafirmando o trecho acima extraído da LDB, o indivíduo precisa de uma educação profissional que lhe dê condições básicas para o pleno desenvolvimento de suas habilidades para assim integrar na melhoria/qualidade de vida e satisfação tanto profissional quanto pessoal.

Faz-se necessário pensar que a EJA é uma modalidade onde não deve ser vista como inferior, pior ou menor que as outras. Devemos sim, pensar que a EJA é tão importante quanto qualquer outra modalidade que possui suas características particulares de ensino. E seus investimentos públicos devem ser unificados com os ensinos regulares com as mesmas condições, além de voltada para a profissionalização do educando, em que a maioria dos estudantes possui seus olhos voltados para a formação profissional.

A educação é o meio para obter a profissionalização e através dessa profissionalização que o indivíduo consegue granjear sua liberdade/independência econômica. E a transversalmente da independência econômica que o cidadão consegue em partes sua felicidade, sua satisfação profissional. Porque o ser humano vive em busca de realizações e ao concretizar essas realizações, proporciona felicidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Faço nesse momento, minhas considerações finais sobre o trabalho realizado, contudo ainda acreditando que é necessário um estudo mais aprofundado sobre o assunto e maior dedicação futura referente ao assunto que é de tão grande importância para o interesse da sociedade e individual.

Nesse instante concluo que:

A educação de Jovens e Adultos é bastante defasada de recursos e investimentos pelos governantes políticos, entretanto não faltam alunos que buscam o melhor, se dão o melhor em seu aprendizado com o objetivo (em muita das vezes) voltado para o mercado de trabalho, buscando um emprego melhor, uma especialização na área de atuação etc.

A escola, pela visão reprodutora de ideologias do Governo, molda aos cunhos de um capitalismo seletivo e excludente, promovendo assim deficiências e fracassos na escola. Contribuindo para a divisão de classes dentro de uma única sociedade.

Partindo do princípio que o objetivo da monografia era analisar a relação entre a EJA e o desenvolvimento do educando em sua vida profissional. Refletimos sobre os direitos dos cidadãos o acesso às escolas/conhecimento para a profissionalização.

Percebemos a grande brecha que os poderes políticos deixam, sobnecendo a existência da EJA na sociedade e falta de investimentos públicos para uma qualidade de ensino público.

Foi necessário abordar sobre um breve histórico da educação no Brasil, assim como o tema explicando sobre o que é educação para um discernimento mais claro sobre o assunto.

Mergulhando na Lei de Diretrizes e Base da Educação (LDB 9394/96) sobre o assunto da Educação de Jovens e Adultos. Alguns capítulos específicos sobre a educação profissional como o Art. 39. Esclarecendo assim que a educação é o meio para

obter a profissionalização alcançando assim a independência econômica.

Faz-se necessário pensar que a EJA é uma modalidade onde não deve ser vista como inferior, pior ou menor que as outras. Devemos sim, pensar que a EJA é tão importante quanto qualquer outra modalidade que possui suas características particulares de ensino. Lutar por maiores investimentos e qualificação dos profissionais voltados para a educação.

Aprofundamos na pesquisa de intervenção que fizemos no Colégio Estadual Professora Henny de Mendonça Gama, realizado em 2010, proposto pela professora Ruth Ramiro na disciplina EJA II na UERJ/FFP.

No Colégio percebemos como é importante a teoria relacionada com a prática.

Analizamos as estruturas físicas do colégio e relacionando com os investimentos, percebemos que existe uma deficiência muito grande na educação de Jovens e Adultos. A vasta união dos professores em prol do ensino de qualidade para os educandos se reunindo e confeccionando materiais voltados para a realidade em que vivem, para um ensino-aprendizagem com eficiência e eficaz é o que faz valer a pena e pensar que ainda existem profissionais engajados/ acreditando na educação no país.

Infelizmente, recebemos a notícia que o Colégio Estadual Professora Henny de Mendonça Gama está em processo de extinção. Nesse momento, os professores que compunham o quadro de funcionários do colégio, foram remanejados para outra escola: CIEP 413 - Adão Pereira Nunes, localizado no bairro de Neves próximo ao bairro onde ficava o Colégio Professora Henny de Mendonça Gama. Contudo o ensino é ministrado por aulas não só na modalidade EJA, mas também com Ensino Fundamental e Médio.

Ficamos muito tristes com a notícia da extinção do colégio. Sem contar os documentos que foram perdidos, computadores, cartilhas entre outras informações. Informações adquiridas pela professora Sheila Santos, ex-professora e coordenadora do Colégio Professora Henny de Mendonça Gama. Lamentavelmente não sabemos o motivo pelo qual o colégio está em processo de extinção, mas sabemos que nesse local com ricas informações e pesquisas para trabalhos acadêmicos.

Finalizo a monografia com as palavras sábias de Paulo Freire (2004), "o ser

humano é cultural, histórico, inacabado e consciente de seu inacabamento, capaz de intervir no mundo, assim sendo, o educador não é a única fonte de conhecimento e sua forma de interagir com o educando determina na construção do sucesso ou do fracasso escolar”.

Percebo que o trabalho ainda está incompleto, inacabado, onde continuo cheia de dúvidas sobre o assunto. Deixando assim brechas para uma nova possibilidade de um estudo mais aprofundado sobre o assunto. Uma pesquisa mais detalhada sobre o tema e outros questionamentos sobre o mesmo assunto, mas em outra perspectiva para análise.

Abrindo possibilidades para um estudo aprofundado futuro, em trabalhos para uma formação de um grau superior.

Pensar a EJA nos dias atuais implica na mudança do olhar para a identidade e tradição para assim, podermos construir um novo caminho, o do reconhecimento com novas possibilidades.

## REFERÊNCIAS

A PIONEIRA do método Montessori no Brasil. Revista Presença. Rio de Janeiro: ABEM, ano 1, n. 1, jul./ago./set., 1976.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. História da educação. São Paulo: Moderna, 1989.

ARROYO, Miguel. A educação de jovens e adultos em tempos de exclusão. Alfabetização e Cidadania: Revista de educação de jovens e adultos. São Paulo: n. 11, p. 9-20, abr. 2001.

\_\_\_\_\_. Formar Educadores e Educadoras de Jovens e Adultas. In: SOARES, Leôncio. (org.). Formação de Educadores de Jovens e Adultos. Belo Horizonte: Autêntica\ SECAD-MEC\UNESCO, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Lei de Diretrizes e Bases da Educação. (9394/96) Brasília, 1996.

CUNHA, Célio da. A pedagogia no Brasil. In: LARROYO, Francisco. História geral da pedagogia. São Paulo: Mestre Jou, 1974. Apêndice, p. 880-915.

CUNHA, Conceição Maria da. Introdução – discutindo conceitos básicos. In: SEED-MEC Salto para o futuro – Educação de jovens e adultos. Brasília, 1999.

FREIRE, PAULO. Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FRIGOTTO, Gaudêncio e CIAVATTA, Maria. A formação do cidadão produtivo: a cultura de mercado no ensino médio técnico/ Orgs.: Gaudêncio Frigotto, Maria Ciacatta e Eunice Freire- Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2006.

IBGE, 2010. Censo Demográfico de 2010. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, dados referente ao Brasil fornecidos em meio eletrônico. Disponível em: < [http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia\\_visualiza.php?id\\_noticia=1866&id\\_pagina=1](http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1866&id_pagina=1) >. Acesso em: 21/02/2012.

LIMA, Francisca das Chagas Silva. In: Educação Profissional: análise contextualizada./ Orgs.: Antonia de Abreu Sousa e Elenice Gomes de Oliveira- Fortaleza: CEFET- CE, 2005.

PILETTI, Nelson. Estrutura e funcionamento do ensino de 2o grau. 3. ed. São Paulo: Ática, 1995.

\_\_\_\_\_. Estrutura e funcionamento do ensino de 1o grau. 22. ed. São Paulo: Ática, 1996.

\_\_\_\_\_. História da Educação no Brasil. 6. ed. São Paulo: Ática, 1996.

RIBEIRO, Maria Luísa Santos. História da educação brasileira: a organização escolar. 13. ed. São Paulo: Autores Associados, 1993.

SILVA, Francisco de Assis. História do Brasil. São Paulo: Moderna, 1992.

SOARES, Leôncio José Gomes. A educação de jovens e adultos: momentos históricos e desafios atuais. Revista Presença Pedagógica, v.2, nº11, Dimensão, set/out 1996.

\_\_\_\_\_. O surgimento dos Fóruns de EJA no Brasil: articular, socializar e intervir. In: RAAAB, alfabetização e Cidadania – políticas Públicas e EJA. Revista de EJA, n.17, maio de 2004.

UNESCO. Declaração de Hamburgo. Alemanha, 1997.

VYGOTSKY, L.S. Pensamento e Linguagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.